

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA

18

59^a edição

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA

MAIO

1ª Quinzena

18

04
OPINIÃO
*Consumo consciente,
consumidores nem tanto.*

12
ECONOMIA INTERNACIONAL
Verdades ou fingimento?

06
PIB E CONFIANÇA
Balançando a gangorra.

14
MERCADO DE TRABALHO
*PNAD/M aponta taxa de
desemprego de 13,10%.*

07
CÂMBIO
*O que explica a apreciação
(valorização) do dólar.*

16
TECNOLOGIA
Se correr o GDPR não te pega.

10
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA
Mesmo pior, melhor.



Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2018	2019
PIB (% do crescimento)	2,75	3,00
Produção Industrial (% do crescimento)	4,28	3,50
Inflação - IPCA (%)	3,48	4,03
SELIC	6,25	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	55,00	57,00
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,35	3,40
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	56,10	45,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	75,00	80,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

30/04

Relatório Focus (Bacen)

02/05

Balança Comercial - Abril-2018 (Mdic)
Fluxo Cambial -Semanal (Bacen)

03/05

05 IPC-FIPE Abril-2018 (FIPE)
Produção Industrial Mensal - Março-2018 (IBGE)

07/05

Relatório Focus (Bacen)

08/05

IGP-DI (Mensal) - Abril-2018 (FGV)

09/05

IPCA - Abril-2018 (IBGE)

Opinião

Consumo consciente, consumidores nem tanto.

Ricardo Pimentel*



Imagem: <https://www.themagicalway.com/blog/conscious-consumtion-by-joanna-takemoto>

Muito se ouve falar sobre consumo sustentável e sobre produtos sustentáveis ou, como preferem alguns, produtos ambientalmente corretos e menos impactantes. A variedade de termos contrasta com o fato de que não se verificam tantas abordagens sobre consumidores sustentáveis, ou seja, pessoas sustentáveis.

Não defenderei aqui que a sustentabilidade é uma questão restrita aos indivíduos e à mudança dos seus comportamentos. A sociedade em que vivemos caminhou para a insustentabilidade, portanto só a mudança dessa sociedade poderá garantir um outro desfecho. Nesse sentido, esse artigo parte do pressuposto de que a mudança da sociedade passa, necessariamente, pela mudança dos indivíduos que nela vivem e convivem.



Ao analisar as condições que levaram ao desenvolvimento da sociedade de consumo, o sociólogo Mike Featherstone (1997) defende que o consumo, há muito tempo, deixou de ser apenas um meio para a satisfação das necessidades das pessoas e sua reprodução como seres vivos. O consumo deixou de ser um mero reflexo da produção e passou a ser elemento fundamental da própria reprodução social. Pode-se falar, então, em cultura de consumo, mais do que produtos e serviços passa-se a consumir significados, símbolos e signos.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1996;2005), a situação de consumo é ainda mais sujeita a tensões, tendo em vista que a adesão à sociedade de consumidores é imposta por uma obrigação social para que os indivíduos consumam. O consumo na sociedade capitalista contemporânea intensifica uma crise de identidade graças à pressão exercida nos indivíduos para que consumam.

Na verdade, já se fala na era do hiperconsumismo (Lipovetsky, 2007), onde as pessoas consomem cada vez mais em função de fins, gostos e critérios individuais, onde as motivações privadas superam, muito, as finalidades coletivas. Nesse sentido, a sociedade de consumo atual é, principalmente, emocional e subjetiva, caracterizada por indivíduos que desejam objetos para viverem experiências de realização da individualidade e não meramente por sua utilidade ou necessidade.

O hiperconsumidor é também hiperindividualista. Ele deseja o conforto psíquico, e busca na afirmação subjetiva a fonte para tal conforto. O antigo consumo baseado na ostentação dá lugar ao consumo experiencial, o consumo para o outro dá lugar ao consumo para si. Na medida em que busca uma valorização dos aspectos imediatos da vida, de intensificação do presente vivido como manifestação de uma necessidade constante de "renascimento".

Nesse sentido é paradoxal que as estratégias de marketing das empresas motivem o tempo todo os consumidores a utilizarem produtos cujo diferencial é a conveniência e a redução de tempo, incentivando o comportamento imediatista e, ao mesmo tempo, promovam reflexões sobre o que acontecerá com o planeta dentro de 100 ou 200 anos.

E aqui aparece o cerne sobre o qual queremos refletir nesse artigo. Ao colocar a questão do consumo de produtos ambientalmente corretos como contraponto a um consumo entendido do ponto de vista da alienação e do individualismo, perde-se de vista a dimensão emocional de preservação da individualidade e coloca-se no campo da consciência versus não consciência, em outras palavras, um consumo consciente versus um consumo inconsciente. A partir daí, mobilizam-se mecanismos grupais e individuais de garantia de aceitação social que, em geral, levam ao consumo de produtos que dão aos indivíduos que os consomem a imagem de "desalienados" ou "sustentáveis", sem que necessariamente haja um comportamento e uma atitude "mais consciente" ou "mais sustentável".

Um caminho para enfrentarmos essa questão é refletirmos sobre o papel das emoções na relação do indivíduo com o consumo e com os produtos consumidos. Quando, por qualquer motivo, os meios de alívio do sofrimento pelo prazer e conforto material tornam-se limitados ou inacessíveis, mecanismos de defesa são acionados. Mecanismos de defesa são processos mentais cuja função é preservar a mente de perigos e sentimentos dolorosos como angústia, desprazer, perigo, culpa entre outros.

Dentre os mecanismos de defesa existe a projeção. Um impulso censurável, na forma de pensamento ou ação, em vez de ser percebido no próprio eu, é percebido fora dele. No sentido psicanalítico, a projeção é



uma operação por meio da qual o sujeito expulsa de si e coloca no outro, pessoa ou objeto, qualidades, sentimentos e desejos que não reconhece ou rejeita em si mesmo (Fenichel, 1997).

No caso do consumo ambientalmente correto, o consumidor projeta no produto (objeto) aquilo que é fonte de frustração e sofrimento para ele, nesse caso a necessidade de menos consumo ou não consumo, e conseqüente menor satisfação ou frustração. É como se o consumidor dissesse para si mesmo: "Se esse produto que eu consumo é ambientalmente correto, eu não preciso ser".

Mas como superar essa limitação ao se colocar os desafios da sustentabilidade nas mãos dos indivíduos? Essa discussão deixamos para uma outra edição.

**Ricardo Pimentel é professor e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Governança e Sustentabilidade do ISAE - Curitiba - PR, onde também coordena o Comitê de Inovação.*

PIB e Confiança

Balançando a gangorra.

*Christian Frederico da Cunha Bundt**

Os níveis de confiança do empresariado oscilaram negativamente em abril. Foram meses seguidos de crescimento em vários setores, os quais começam a perder força neste 2ºT-2018. Veja alguns números da Fundação Getúlio Vargas (FGV), da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

ÍNDICE DE CONFIANÇA	VARIAÇÃO DE MAR/18 PARA ABR/18 (dados ajustados)	OBSERVAÇÃO
Comércio - ICOM/FGV	-0,10%	Na zona de avaliação negativa; melhora na situação atual e piora nas expectativas
Comércio - Icc/CNC	0%	Na zona de avaliação positiva; piora na situação atual e melhora nas expectativas
Indústria - ICIFGV	-0,69%	Na zona de avaliação positiva; leve piora na situação atual e piora nas expectativas
Indústria - ICEICNI	-3,90%	Na zona de avaliação positiva; piora na situação atual e nas expectativas
Setor de Construção - ICST/FGV	-0,12%	Na zona de avaliação negativa; melhora na situação atual e piora nas expectativas
Consumidor - ICC/FGV	-2,82%	Na zona de avaliação negativa; piora na situação atual e nas expectativas
Serviços - ICS/FGV	-0,22%	Melhora na situação atual e piora nas expectativas

Fonte: IBRE/FGV, CNI e CNC – ilustração ISAE.



A queda de 0,1% no Índice de Confiança do Comércio (ICOM/FGV) é a primeira depois de sete altas consecutivas. O setor de serviços, conforme a FGV, apresenta a segunda queda mensal consecutiva do seu índice de confiança. E a indústria também arrefeceu, pois vinha apresentando altas no índice de confiança, há nove meses, segundo a FGV. Parece que as quedas na previsão do PIB brasileiro para o 1ºT-2018 mostraram um cenário menos acelerado do que os analistas previram no final de 2017 (empolgados com o 4ºT-2017).

Há sinais de que o "efeito eleição" vem tomando forma na mente do empresariado nacional, além da falta de atenção ao necessário ajuste fiscal ou à dívida pública. Outro ponto importante, agora externo, é a relação EUA, China e Coreia do Norte, que não para de apresentar novas turbulências, apesar do encontro entre as Coreias. Além disso, a não resolução definitiva sobre a taxaço do aço brasileiro nos EUA ainda preocupa o setor no Brasil.

A FGV também mostrou seu Indicador de Incerteza da Economia (IIE-Br), que subiu 5,5 pontos entre março e abril de 2018 (113,2 pontos).

Apesar da redução nas previsões e da piora nos índices de confiança, os indicadores ainda são positivos se comparados a 2017. Não obstante, a desaceleração dos últimos meses parece mostrar perda de fôlego do ritmo de recuperação do nível de atividade econômica e, majoritariamente, se deve à falta de percepção na retomada do emprego, que é a geradora do melhor lastro para o crescimento sustentado, ou seja, a renda do trabalho.

Continuemos em alerta para a leitura objetiva do cenário econômico.

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais*

Câmbio

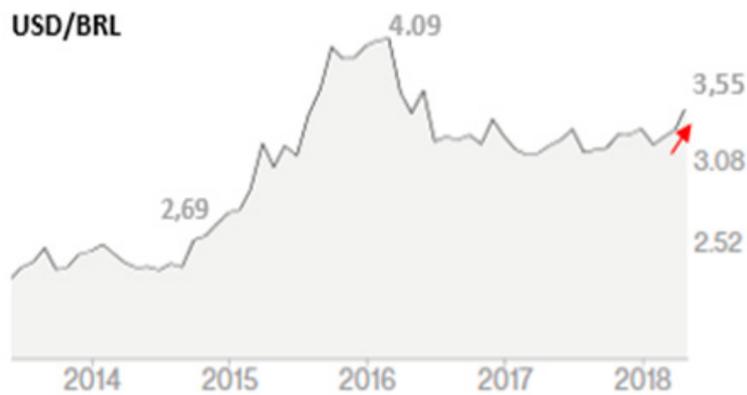
O que está acontecendo com o câmbio?

*Fábio Alves da Silva**

A depreciação do Real frente ao Dólar já era esperada pelo mercado. Influenciada principalmente por questões externas, a moeda americana que esteve em janeiro de 2018 cotada em 3,15 chegou nesta semana ao pico de 3,55 Reais, conforme gráfico a seguir:



Evolução Câmbio (2014 a 2018)



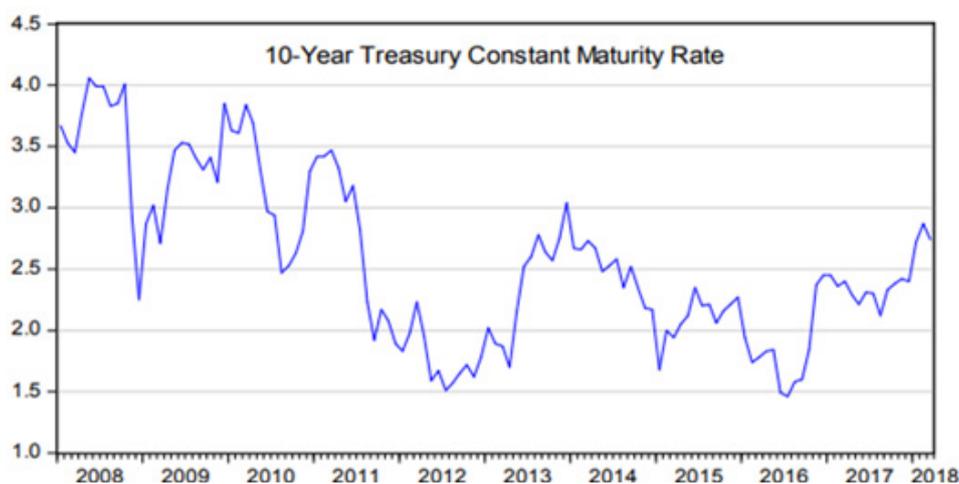
Fonte: Bloomberg (02/05/2018)

Analisando o que aconteceu no cenário externo, o Produto Interno Bruto (PIB) da economia americana cresce a uma taxa positiva desde 2009, com crescimento de 2,9% em 2017 e previsão de crescimento de 2,7% em 2018. A produção industrial está crescendo e contribui para a geração de empregos. A taxa de desemprego, que em 2009 chegou a 10%, em março de 2018 atingiu 4,1% e deve finalizar o ano em 3,8%. A baixa taxa de desemprego, favorece a demanda por bens e serviços e pressiona o nível de preços. A expectativa de inflação para o final do ano está em 1,9%, muito próximo da meta estabelecida pelo Comitê de Política Monetária (FOMC, equivalente ao Copom no Brasil), que é de 2,0%.

Dadas as condições do mercado de trabalho e de inflação nos EUA, o FOMC tem optado por aumentar a taxa de juros dos títulos públicos federais (títulos do governo americano). Em sua última reunião, realizada nos dias 20 e 21 de março, o Comitê aumentou essa taxa de 1,5% para 1,75%. Na reunião realizada nos dias 1 e 2 de maio, manteve essa taxa de juros. Novas decisões em relação à taxa de juros americana dependerão das condições da economia, principalmente, emprego e inflação.

Os investidores já têm recebido taxas maiores para os títulos americanos. O título de 10 anos, bastante negociado, teve taxa de 1,46% em julho de 2016 e foi negociado a uma taxa de 2,87% em fevereiro de 2018, mantendo-se em torno de 3,0% em abril.

Títulos com 10 anos de vencimento (3% em abril)



Fonte: Federal Reserve Bank of St. Louis.



Ainda em relação à economia americana, também devemos estar atentos a questões comerciais e geopolíticas (principalmente em relação ao preço do petróleo, que está em alta), que podem influenciar a taxa de câmbio.

Quanto à questão interna, vamos fazer isso de uma maneira mais breve, pois, embora o ambiente interno tenha importância, ele parece não influenciar de forma negativa as decisões de mercado neste momento. Prova disso, é o fluxo cambial positivo de US\$ 11,4 bilhões de janeiro a abril e o Investimento Direto no País de US\$ 17,7 bilhões de janeiro a março.

A economia brasileira cresceu 1,0% em 2017 e a expectativa de mercado é de crescimento ao redor de 2,8% em 2018. A produção industrial deve crescer acima de 4,0%, com inflação de 3,5%, medida pelo IPCA, ficando abaixo da meta de 4,5%. A alta taxa de desemprego pode ser uma das variáveis que explica o comportamento dos preços.

Com este cenário, o Comitê de Política Monetária (Copom), tem diminuído a taxa Selic, que chegou a 14,25% em julho de 2015 e na reunião dos dias 20 e 21 de março de 2018, chegou a 6,5%. A expectativa de mercado é de mais redução na taxa Selic na próxima reunião de 15 e 16 de maio. Destaco, ainda, as medidas esperadas pelo mercado (reformas econômicas) e a incerteza política, pela falta de definição dos principais candidatos à eleição presidencial, como fatores de risco à economia brasileira.

Depois desta leitura já é possível responder a questão: o que aconteceu com o câmbio? Os investidores têm a economia americana (títulos do governo) como um porto seguro, investimento de baixo risco, principalmente quando comparada a economias emergentes, como é o caso do Brasil (títulos brasileiros). Com as condições mencionadas, taxa de juros americana aumentando e, por outro lado, taxa de juros no Brasil caindo, a diferença de juros entre os dois países está diminuindo.

Nessas condições, os investidores não dispostos a assumir riscos maiores, tendem a investir na economia americana (títulos do governo americano) e, com isso, os dólares seguem para a economia americana. Com oferta menor de dólar no mercado, a tendência é o seu preço aumentar. Entretanto, esse ritmo de aumento para a taxa de câmbio não deve permanecer por muito tempo, pois entendemos que é um movimento do mercado (com títulos americanos) dada a proximidade da reunião do FOMC, logo no início de maio. No entanto, não podemos descartar uma intervenção do Banco Central do Brasil, ele pode atuar no mercado de câmbio para segurar a valorização do Real através do mercado de swaps, uma vez que nossas reservas internacionais atualmente são de US\$ 380,6 bilhões.

* **Márcio Éder dos Santos** é economista na Adeata Consultoria – Análise Econômica.



Balança Comercial Brasileira

Mesmo pior, melhor.

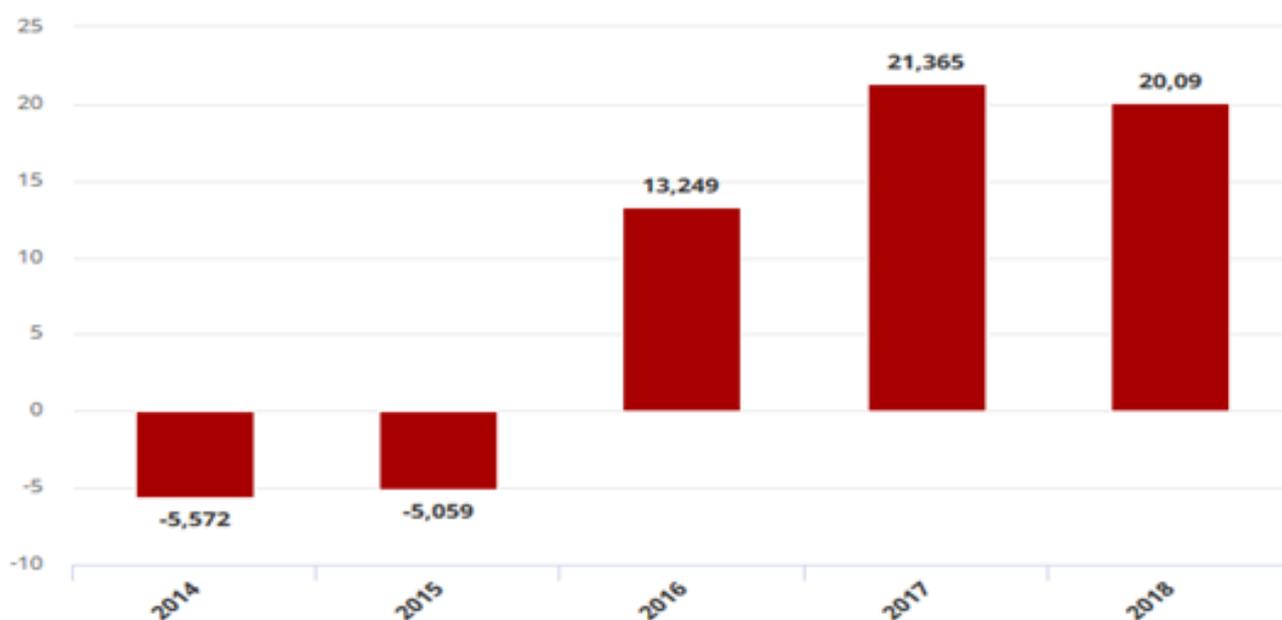
Jean Toniote*

Dando sequência na série de períodos com superávit na balança comercial brasileira, de acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) o mês de abril-2018 foi mais um em que tivemos as exportações superando as importações.

O acumulado do ano de janeiro a abril, terminou com um saldo da balança comercial em US\$ 20,090 bilhões, retração de 5,9% se comparado ao mesmo período do ano anterior, que foi de US\$ 21,365. Desta forma, mesmo pior do que o ano de 2017, a balança comercial mostra uma performance muito superior ao que foi obtido em anos anteriores.

Nessa esteira, mesmo com o recuo, analistas consideram o superávit em um patamar já esperado. Entretanto, alguns impactos também já estão sendo sentidos na balança comercial, influenciados pela depreciação do Real frente ao Dólar Americano, mencionado na coluna acima, que veio se intensificando nos últimos dias tanto por conta de tensões internas, como por exemplo as eleições que se aproximam e ajustes nas contas públicas que não estão sendo solucionados, quanto como tensões externas onde podemos elencar a retomada do crescimento e elevação das taxas de juros dos Estados Unidos bem como tensões geopolíticas daquele país com a China e a Coreia do Norte.

Saldo da balança comercial brasileira no mesmo período, janeiro a abril, dos últimos 5 anos



Fonte: MDIC

Podemos perceber na tabela a seguir que em 2018 comparado a 2017 houve um crescimento de 9,1%, atingindo o montante total exportado de US\$74,2 bilhões, com destaque para os produtos manufaturados, semimanufaturados e básicos, os quais apresentaram incremento de 15,9%, 4,2% e 2,6, respectivamente.



**EXPORTAÇÃO BRASILEIRA – FATOR AGREGADO
JANEIRO/ABRIL - 2018/2017 - US\$ MILHÕES FOB**

	2018		2017		Var.% (m.d.)	Part. %	
	Valor	Média	Valor	Média		2018	2017
Básicos	34.454	420,2	33.163	409,4	2,6	46,4	48,7
Industrializados	38.003	463,5	33.324	411,4	12,7	51,1	48,9
. Semimanufaturados	9.795	119,4	9.284	114,6	4,2	13,2	13,6
. Manufaturados	28.209	344,0	24.040	296,8	15,9	38,0	35,3
Op. Especiais	1.841	22,5	1.644	20,3	10,6	2,5	2,4
TOTAL	74.299	906,1	68.131	841,1	7,7	100,0	100,0

Fonte: MDIC/SECEX

Do lado das importações, houve crescimento de 15,9% no total importado comparado o mesmo período de 2017, quando as importações chegaram ao patamar de US\$46,7 bilhões, com aumento em combustíveis e lubrificantes 34,8%, bens de capital 23,2%, bens de consumo 17,1%, e bens intermediários 9,1%. Os três principais países de origem das importações foram China, Estados Unidos e Alemanha.

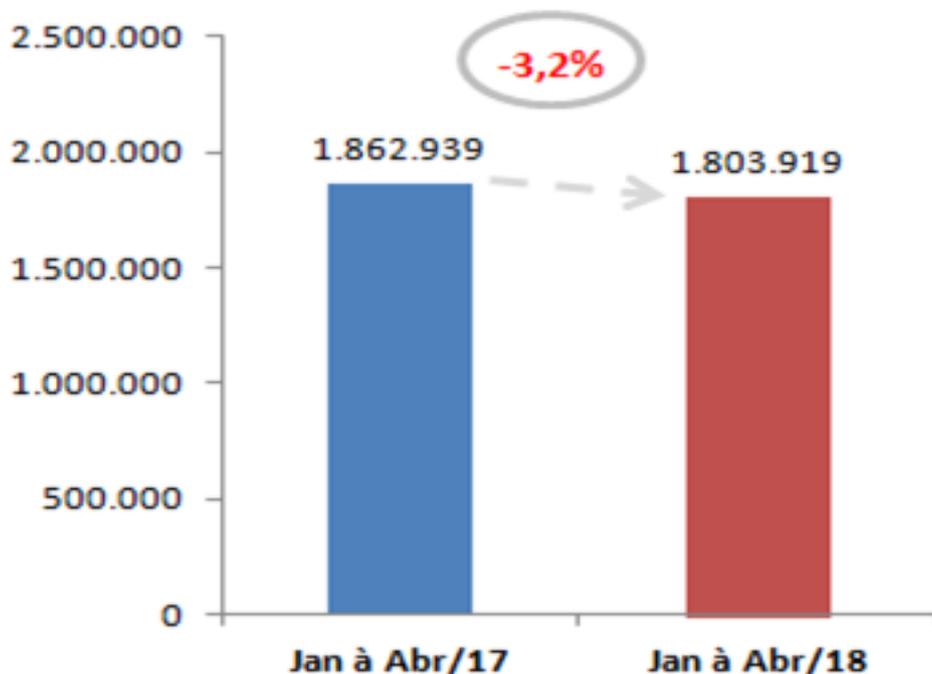
**IMPORTAÇÃO BRASILEIRA POR GRANDE CATEGORIA ECONÔMICA
JANEIRO/ABRIL - 2018/2017 - US\$ MILHÕES FOB**

Categoria/Subcategoria	2018		2017		Var. % (m.d.) 18/17	Part. % 2018	Part. % 2017
	Valor	Média	Valor	Média			
BENS DE CAPITAL (BK)	6.025	73,5	4.831	59,6	23,2	11,1	10,3
BENS INTERMEDIÁRIOS (BI)	32.068	398,4	29.588	365,3	9,1	60,3	63,3
BENS DE CONSUMO (BC)	8.344	101,8	7.041	86,9	17,1	15,4	15,1
COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES	7.148	87,2	5.240	64,7	34,8	13,2	11,2
BENS NÃO ESPECIFICADOS ANTERIORMENTE	23	0,3	67	0,8	-66,1	0,0	0,1
TOTAL GERAL	54.209	661,1	46.705	577,4	14,5	100,0	100,0

Fonte: MDIC/SECEX

O panorama da balança comercial paranaense é de superávit, no entanto a soma nos primeiros quatro meses do ano gerou saldo de US\$1,803 bilhões, ou seja, 3,2% menor do que no mesmo período do ano anterior, em que a balança atingiu US\$ 1,862 bilhão.





Este saldo foi performado devido ao mais alto volume de crescimento das importações, com total de US\$ 3,7 bilhões e 3,2% de crescimento, do que das exportações, atingindo um total de US\$ 5,5 bilhões e 1,1% de crescimento. Portanto, ambas as pontas da balança cresceram, o que é positivo, mas há de se considerar que o percentual de crescimento da importação nestes primeiros meses foi mais relevante, o que acabou gerando um superávit menor que o de 2017.

**Jean Toniote, é especialista em finanças, formado em Ciências Contábeis pela Universidade Positivo e possui especialização em gestão no mercado financeiro e de capitais pela FAE, atuou em diversos segmentos, multinacionais e nacionais, e atua no Grupo Renault.*

Economia Internacional

Verdades ou fingimento?

René Berardi*

Verdade ou fingimento? Este questionamento emerge após o histórico encontro entre os dois líderes das Coreia do Norte e Coreia do Sul.

Será que a Coreia do Norte está pronta para mudar? Quais são as razões para a mudança? Muitos analistas consideram que Kim Jong-un tem uma natureza imprevisível, mas que podem existir dois fatores que poderiam levar a uma mudança de posição



O primeiro fator aponta para o cenário bélico, onde a Coreia do Norte já teria alcançado o nível para produzir armas nucleares e, portanto, não precisaria fazer mais testes técnicos nessa linha. Não obstante, China e Rússia, ambas as potências apoiadoras da Coreia do Norte, não teriam visto com bons olhos a tensão e os últimos desenvolvimentos na tecnologia nuclear. Convém lembrar que os chineses e os russos compartilham uma fronteira com a Coreia do Norte e algumas versões cogitam que um dos testes nucleares teria gerado um vazamento radioativo.

O segundo elemento é a situação econômica, visto que este cenário na Coreia do Norte é parcialmente crítico, devido ao aumento das sanções dos Estados Unidos e das potências ocidentais.

Qualquer que seja a combinação destes cenários, a verdade é que Kim está se apresentando com uma nova face para o mundo, com um viés de busca pela paz. É importante analisar como a mídia jornalística focalizou esta situação.

A agência nacional da Coreia do Norte destacou: “A Coreia do Sul e a Coreia do Norte confirmam o objetivo comum de alcançar, através da desnuclearização total, uma península coreana não nuclear”.

A imprensa na Coreia do Sul saudou com alguma reserva a cúpula intercoreana, apontando a ausência de um compromisso firme e explícito do Norte de renunciar às suas armas nucleares. Já o The Guardian, publicou que “A ênfase está na paz, na nação, no diálogo e na unificação. A desnuclearização é uma pequena questão secundária”.

E o diálogo da Coreia do Norte com os Estados Unidos como fica?

Ainda que em Washington existam dúvidas sobre as reais intenções de Kim Jong Un, O novo Secretário de Estado Americano, Mike Pompeo, vê uma oportunidade real para um acordo nuclear, com o encontro previsto entre Trump e Kim “nas próximas três ou quatro semanas”. Pompeo se reuniu com Kim recentemente, quando ele era diretor da CIA, em uma missão que foi mantida em segredo.

No entanto, para o assessor de Segurança Nacional, John Bolton, não haverá redução de sanções econômicas ou pressão militar, ainda que o congelamento dos testes nucleares e balísticos da Coreia do Norte configure-se em um bom sinal. “Até agora não ouvimos mais que palavras. Queremos ter provas, não apenas retórica”, afirmou Bolton.

Com relação ao local onde será a reunião, existe a tendência de manter o mesmo local onde foi realizado recentemente entre as duas Coreias, pois permitirá potencializar ainda mais a imagem de união das mesmas, assim como mostrar que os Estados Unidos assumem um compromisso de longo prazo na região, não esquecendo que dois coadjuvantes, China e Rússia, não podem ficar de fora desta complexa geopolítica global. Esperemos que a verdade triunfe sobre uma possível mentira, pois o mundo espera que a paz retorne com força.

**René Berardi é economista, doutor em sociologia (UFPR), com experiências como executivo e consultor na OEA, Petrobras, Hewlett Packard, Sebrae e AGA gases.*



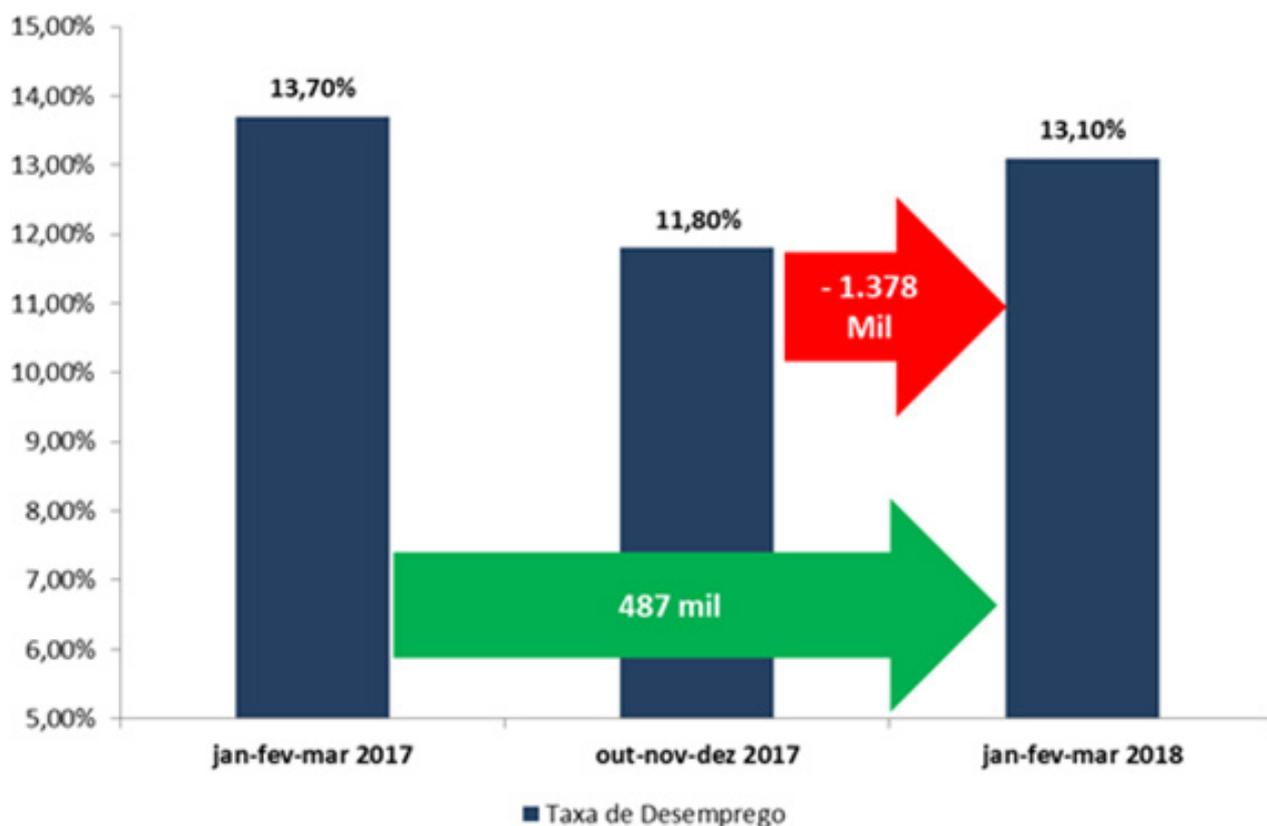
Mercado de Trabalho

PNAD/M aponta taxa de desemprego de 13,10%.

René Berardi*

No último dia 27/04 foram divulgados dados pela PNAD/Mensal do IBGE, os quais apontam uma taxa de desemprego no trimestre (Jan-Fev-Mar/2018) de 13,10%. Quando comparado ao trimestre anterior, apresentou uma alta de 1,30 p.p. que totaliza um aumento de 1.378 milhão de pessoas que deixaram de trabalhar. Ao compararmos com o mesmo período em 2017 verifica-se que houve uma redução 0,6 p.p., algo em torno de 487 mil pessoas que encontraram uma ocupação remunerada, conforme apresentado no gráfico a seguir:

Evolução da Taxa de Desemprego Trimestral (Pnad/Mensal)



Fonte: Pnad/M (IBGE) / ilustração: ISAE.

Com a redução da taxa de desemprego em relação ao mesmo período (Jan-Fev-Mar/2017), verifica-se, de forma lenta e gradual, a retomada da geração de emprego. No entanto, o aumento taxa de desemprego em relação ao trimestre anterior demonstra que, apesar de sinais de recuperação, a geração de empregos está sujeita a variações sazonais. A expectativa é que no fim do primeiro semestre de 2018 o índice se estabilize e possa melhorar se de fato houver a retomada do crescimento econômico e a estabilização política no país.



Mercado de Trabalho: Análise da mão de obra ocupada no Brasil (Jan-Fev-Mar/2018)

Partindo dos dados da Pnad/Mensal no período de (Jan-Fev-Mar/18) pode-se verificar que o total de pessoas aptas a trabalhar, que são pessoas com 14 anos ou mais que compõe a força de trabalho nacional, teve um acréscimo de 1,603 milhão desse contingente quando comparado ao mesmo período em 2017.

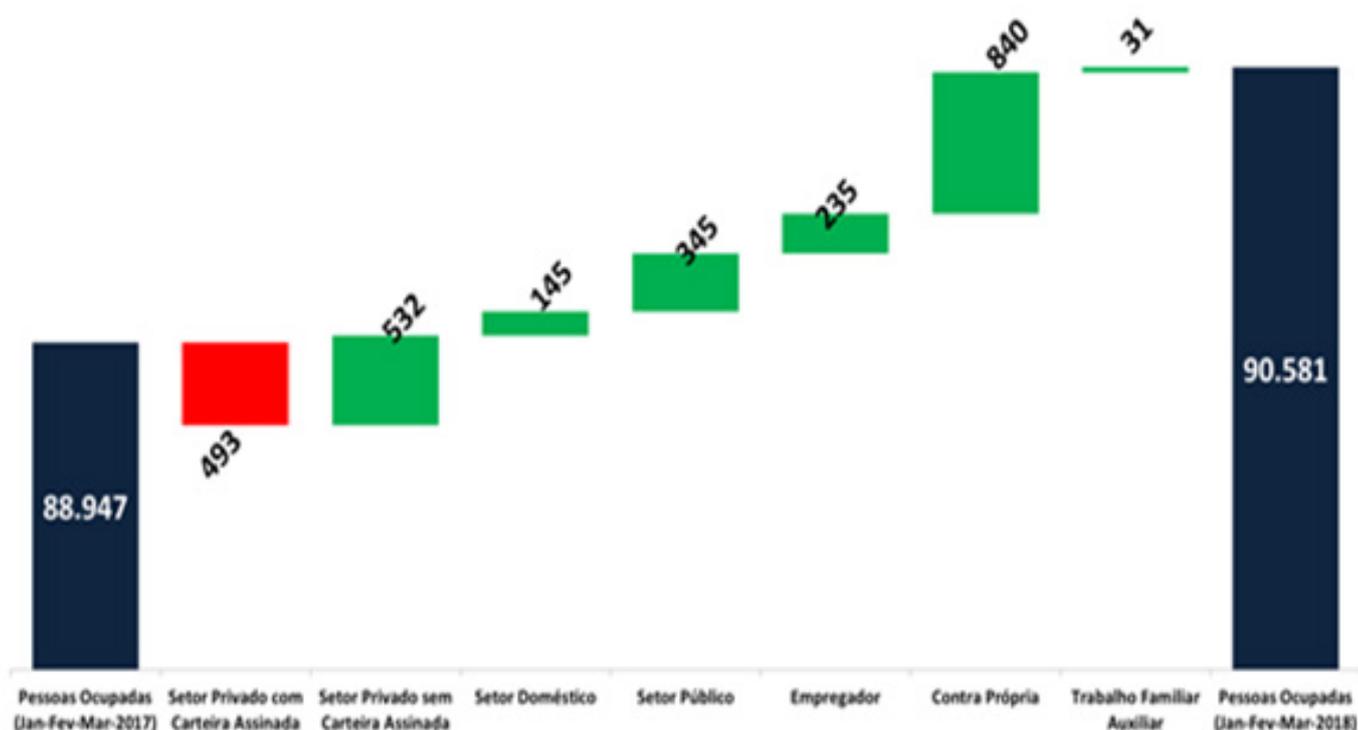
Composição Pessoas Aptas a trabalhar	jan-fev-mar2017	jan-fev-mar 2018	Δ
Pessoas aptas a trabalhar	167.535	169.138	1.603
Pessoas aptas a trabalhar - empregadas (Milhares)	88.947	90.581	1.634
Pessoas aptas a trabalhar - desempregadas (Milhares)	14.176	13.689	- 487
Pessoas aptas a trabalhar - fora da força de trabalho (milhares)	64.413	64.868	455

Fonte: Pnad/M (IBGE) / ilustração: ISAE.

Ao analisar as "pessoas aptas a trabalhar, mas que estão desempregadas", verifica-se que ocorreu uma redução de 487 mil pessoas em relação ao mesmo período em 2017. Esse movimento é, em parte, explicado pelo aumento da população apta a trabalhar, mais precisamente "pessoas que estão aptas a trabalhar, mas que desistiram de procurar trabalho". No período analisado houve um aumento de 455 mil pessoas. Outra explicação se dá por pessoas que encontraram ocupação no período analisado, que resultou em acréscimo de 1.634 milhão (crescimento de 1,84%).

No próximo gráfico, é demonstrada a variação de vagas de trabalhado entre os setores, no período de (Jan-Fev-Mar/2017) e (Jan-Fev-Mar/2018):

Variação das pessoas ocupadas nos setores (Jan-Fev-Mar/2017) e o (Jan-Fev-Mar/2018):



Fonte: Pnad/M (IBGE) / ilustração: ISAE.



O setor privado com carteira assinada teve uma variação negativa de 493 mil trabalhadores que perderam seu trabalho formal na comparação de (Jan-Fev-Mar/2017) em relação a (Jan-Fev-Mar/2018), contudo, no setor privado sem carteira assinada houve um aumento de 532 mil trabalhadores admitidos. No setor doméstico ocorreu acréscimo de 145 mil trabalhadores neste período. Já no setor público teve o aumento de 345 mil trabalhadores, que reflete a estabilidade de empregabilidade do serviço público garantida por lei. Quanto ao setor empregador (dono do próprio negócio), teve um crescimento de 235 mil; o setor de pessoas que optaram em trabalhar por conta própria teve um crescimento de 840 mil pessoas; e o setor trabalho familiar auxiliar (quando o indivíduo complementa a renda familiar com uma atividade remunerada intermitente, muito conhecido como “bico”) teve um aumento de 31 mil.

Essa variação constata a degradação do mercado de trabalho, ocasionado pela crise econômica brasileira onde se pode verificar que, apesar do número de pessoas empregadas ter aumentado para 90.581 milhões, houve um movimento de migração principalmente dos trabalhadores com carteira assinada, que buscam como alternativa empreender em atividades próprias como empregador, trabalhando de maneira informal, ou buscando a estabilidade do setor público.

**Jefferson Marcondes Ferreira é Economista, Especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.*

Tecnologia

Se correr o GDPR não te pega.

Christian Geronasso*

No dia 25 de maio de 2018 entrará em vigor uma das mais importantes regulamentações quanto à privacidade de dados, a GDPR (General Data Protection Regulation), proposta pela European Commission (Comissão Europeia), defensora dos interesses gerais dos países que compõem a União Europeia. A comissão é presidida por Jean-Claude Juncker, que ganha cada vez mais espaço nas notícias devido às definições do orçamento pós Brexit. A Comissão tem se preocupado com a proteção de dados da Comunidade Europeia há mais de 20 anos.

Em outubro de 1995 foi realizada a primeira proposição de legislação e ao longo de anos de emendas e deliberações foi construída a versão atual publicada em maio de 2016. Não obstante, convém ressaltar que o tema vem sendo abordado desde 1980 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). Hoje podemos pensar já com uma mentalidade de ambientes digitais, em que endereçar a pauta de privacidade é óbvio e crítico, mas chegar às mesmas preocupações quando as tecnologias de ponta envolviam computadores monocromáticos exige uma visão bem além do seu tempo, que



a OECD materializou em 8 diretrizes principais para Proteção da Privacidade dos Dados Pessoais, entre elas, em tradução livre:

Princípio da Limitação da Coleta: dados devem ser coletados apenas com o consentimento do usuário por caminhos legais e razoáveis.

Princípio da Garantia e Segurança: dados pessoais devem ser protegidos contra acessos não autorizados, perda, destruição, modificação ou exposição.

Princípio da Abertura: proprietários devem ter acesso a informações de quem são os detentores de seus dados e para o que estão sendo utilizados.

Por mais de 3 décadas nossas informações têm sido utilizadas de forma indiscriminada, navegadores de internet coletam dados do movimento dos nossos mouses, velocidade de digitação e diversos outros registros que oferecem dados para segmentação de mercado por características que nem os próprios usuários saberiam identificar se fossem perguntados. De acordo com estudos realizados pelo Centro de Tecnologia da Informação de Princeton foram identificados mais de 2400 sites que monitoram estas informações (Lista completa: <http://bit.ly/2FCgZBs>), entre eles Microsoft.com.br, Spotify.com e Peixurbano.com.br.

A grande maioria destes sites utilizam estas informações para melhorar a experiência de seus clientes, mas é importante que isto seja amplamente comunicado ao público geral, agregando transparência ao processo. É de grande importância que estas informações sejam armazenadas de forma segura pois estes mesmos dados podem ser utilizados para identificar usuários mais suscetíveis a golpistas e estelionatários virtuais.

Com o GDPR as diretrizes evoluem para lei e remetem a penalidades que chegam a até 20 milhões de Euros para as infrações mais sérias, como ausência de consentimento dos usuários quanto ao processamento de dados pessoais dos cidadãos europeus, sendo que as multas podem ser aplicadas aos controladores das informações (exemplo: varejista online) até os processadores dela (exemplo desenvolvedor do site de e-commerce).

Como prevenção, diversos sites estão atualizando suas políticas de administração de dados solicitando aos seus usuários que aceitem novos termos e condições. Este é um momento importante para o mundo digital, um novo patamar de respeito ao cliente foi estabelecido. Talvez daqui a alguns anos nem o CEO da maior detentora de informações de pessoas do mundo precise bloquear seu microfone ou sua câmera (imagem abaixo), pois será um futuro mais seguro.



Mark Zuckerberg - <http://bit.ly/2J05Gs2>

* **Christian Geronasso** é consultor com mais de 10 anos de experiência, especializado na identificação e construção de valor em diversos segmentos empresariais. Atua como consultor especialista em negócios e inovação em uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. (<http://bit.ly/LinkedIn-Christian>).

Referências:

BAUMAN, Z. Turistas e vagabundos. In: _____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 85-110

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

European Comission - https://ec.europa.eu/commission/index_en

FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da Cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studios Nobel, 1997.

FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. São Paulo: Atheneu, 1997.

'Hundreds' Of Websites Track User Keystrokes - <http://bit.ly/2JOybWN>

No boundaries: Exfiltration of personal data by session-replay scripts - <http://bit.ly/2FBVLDC>

LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal**. Lisboa: Edições 70, 2007



Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Carolina Leludak
Christian Geronasso
Christian Bundt
Jefferson Marcondes
Márcio Santos
Patrick Silva
René Berardi

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande